



Redes de especialistas, políticas públicas e ampliação de relações sociais: o caso da caprinovinocultura do Semiárido

Oswaldo Gonçalves Junior
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus São Paulo
osgoju@yahoo.com.br

Introdução

No Semiárido Nordeste, limitações climáticas e características político-sociais conformaram um ambiente de dificuldades para população, boa parte dela dependente das atividades agrícolas. Ainda assim, e mesmo quando se considera o fenômeno da seca e desdobramentos como a migração, é surpreendente constatar que, no início da década de 2000, cerca de 10 milhões de pessoas lá viviam da agricultura e da pecuária tradicionais, atividades altamente vulneráveis às crises climáticas. Ainda mais surpreendente é o fato de que, quando se analisa séries históricas relativas a essa população, percebe-se que ela cresceu nas últimas décadas (GOMES, 2001, p. 8; 126-135).

No caso das porções semiáridas dos estados do Rio Grande do Norte, do Ceará e da Paraíba, estas são aquelas que melhor representam a *economia tradicional do Semiárido* (GOMES, 2001), estruturada em torno da pecuária extensiva e da economia agrícola, atividades caracterizadas pelas baixíssimas produtividades, praticadas sob condições técnicas rudimentares e em áreas de grande risco climático (Idem, p. 115).

É sobre esta realidade que este artigo se debruça. Ele deriva dos resultados obtidos através da realização de pesquisas nestes três estados nordestinos. Como se pretende demonstrar, estes resultados apontam que, apesar das dificuldades, um movimento recente de transformações vem sendo possibilitado pela atuação daquilo que se denominou a partir das pesquisas como sendo uma *rede de entusiastas da caprinovinocultura*. Esta rede é formada por especialistas vinculados a diversas organizações, capilarizando-se e estendendo-se a outros atores sociais que passam a atuar como divulgadores das ideias e conhecimentos que embasam este movimento, o que vem gerando diversos desdobramentos concretos numa realidade historicamente marcada pela pobreza, pelo baixo dinamismo e pela instabilidade econômica.



Nos processos de transformações observados, constatou-se a ampliação das oportunidades de relações sociais para populações pobres, aumentando assim suas possibilidades de alcance de uma melhora nos padrões de qualidade de vida. Para tanto, como constatado, a *rede de entusiastas da caprinovinocultura* desempenha um papel de grande relevância, seja enquanto corpo de profissionais que atua cotidianamente no campo da extensão rural, seja enquanto especialistas que orientam a formulação e implementação de políticas públicas que conduzam a essas possibilidades.

Frente a uma tradição

No Nordeste brasileiro, em que a criação de caprinos e ovinos é uma prática existente há praticamente cinco séculos, iniciada com a introdução desses animais pelos colonizadores europeus no século XVI, uma série de aspectos marca essa trajetória conduzindo a um cenário sobre o qual, neste artigo, se levantam as principais problematizações.

Fato é que ao longo desse tempo a caprinovinocultura se disseminou de forma impressionante, passando a se constituir num importante elemento da cultura regional. Não obstante, o manejo tradicional e a piora genética dos rebanhos tornam a prática pouco produtiva face ao potencial econômico da caprinovinocultura. Nesse contexto, estes animais são vistos de maneira inferiorizada em comparação ao gado bovino, cuja criação na região ligar-se-ia historicamente a “status social”, sendo os caprinos e ovinos em geral denominados na cultura regional de “miunça”, o que significa “criação de pouco valor”.

No mais das vezes, para aqueles habitantes dos sertões Nordestinos em melhores condições, como os grandes fazendeiros, criar caprinos e ovinos era visto como “teimosia de gente pobre”, uma atividade marginal e sem futuro, ainda que garantisse carne para o consumo cotidiano, leite como fonte principal de proteínas para as crianças dos trabalhadores rurais e pele, tida como “moeda” para as necessidades mais imediatas das famílias pobres (NOBRE, 2007, p. 1).

Pragmaticamente, no entanto, essa hierarquização torna-se contraditória na medida em que se verifica que a criação destes animais é mais adaptada às condições do Semiárido que o gado bovino, sobretudo quando observadas certas condições de manejo e recomendações técnicas pelos criadores.



Numa perspectiva comparativa, esses animais mostram-se superiores aos bovinos nesse contexto, pois consomem menos água, resistem mais à seca e podem encontrar alimentos com mais facilidade na vegetação das caatingas. Em termos estritamente econômicos, o que chama a atenção é que enquanto uma vaca pode custar em torno de R\$ 2 mil, uma cabra pode custar menos de R\$ 50. Enquanto as primeiras produzem uma cria a cada dois anos, as segundas geram até duas crias por ano. Ou seja, com o mesmo valor investido e com um menor custo de manutenção, um pequeno agricultor poderia ter 40 cabras ao invés de apenas uma vaca, patrimônio exclusivo que ainda corre o risco de perder subitamente com as condições climáticas rústicas do Semiárido.

Mesmo frente a essa e outras evidências, chama a atenção a resistência que incide contra o potencial da caprinovinocultura na região no âmbito da produção por parte dos pequenos agricultores familiares. Grosso modo, pode-se dizer que continua imperando, em diversas regiões do Semiárido, uma atividade de subsistência, numa rotina que se perpetua através das gerações, com resultados muito aquém daqueles que as possibilidades técnicas já existentes permitem, conforme observa Molina Filho¹ (1981 apud OLIVEIRA et.al., 1995).

Em suma, ovinos e, sobretudo, caprinos, foram amplamente disseminados nos sertões Nordestinos ao longo dos séculos, mas nesse período também vêm sendo historicamente ignorados em sua potencialidade econômica, prestando-se a um consumo de caráter doméstico e, quando muito, ao abastecimento de mercados de proximidade.

Nesse sentido, qualquer transformação nesse cenário implica numa mudança de perspectiva sobre esses animais, além de mudanças nas formas e nos parâmetros técnicos de manejo por parte dos caprinovinocultores, no caso que mais interessa a este artigo, sobretudo àqueles pertencentes ao segmento dos pequenos agricultores familiares.

É nesse quadro que se destaca um incisivo e recente movimento, expresso por aquilo que se identificou nas pesquisas realizadas por *rede de entusiastas da caprinovinocultura*, formada por agentes ligados a diferentes organizações: agrônomos, veterinários, zootecnistas, técnicos agrícolas, criadores e lideranças de associações,

¹ MOLINA FILHO, J. Um modelo estrutural-cultural para os estudos de difusão de inovações na agricultura brasileira. *Revista de Economia Rural*. Brasília, 19, n. especial, p.29-46, 1981.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

pesquisadores, professores e gestores públicos. Compartilhando da visão que diagnostica aspectos altamente favoráveis à caprinovinocultura, estes agentes procuram elevar a caprinovinocultura a um novo patamar de status, além da difusão de técnicas apropriadas de criação aos pequenos proprietários rurais para que eles alcancem melhores condições de vida através desta prática.

Identificando a *rede de entusiastas*

A identificação da *rede de entusiastas* se deu de forma processual com o andamento das pesquisas, sobretudo a partir de sua primeira fase de campo, momento no qual foi sendo possível perceber uma série de conexões entre agentes e, mais que isso, um universo cognitivo partilhado, revelado por visões de mundo muito semelhantes no que tange à compreensão sobre o Semiárido, à caprinovinocultura e à agricultura familiar.

Compartilhando dessas visões, diversos agentes procuram disseminar novos valores e práticas visando transformar uma realidade marcada pela pobreza e pela subutilização de um potencial agropecuário. Essa atuação acaba por evidenciar tensões entre tradição e tentativas de sua revisão, num processo árduo de transformação. Alguns desses *entusiastas* são técnicos e pesquisadores ligados especialmente a organizações como Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, Unidade Caprinos e Ovinos – Sobral/CE), Sebrae e Universidades Federais, em algumas de suas unidades instaladas nos três estados enfocados. Outros atuam como gestores públicos e dirigentes de associações de criadores e, em casos recorrentes, de alguma forma, já estiveram vinculados ao Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), sendo que alguns ainda hoje mantêm-se paralelamente como consultores dessa organização, que tem como característica congregar um grande número de profissionais na condição de “prestadores de serviço”. Além dessas organizações, outras participam desse processo, entre elas a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba S/A (EMEPA), Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte (EMPARN), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), Banco do Nordeste do Brasil (BNB), entre outras.



Ainda que caprinos e ovinos, desde sua introdução no território, tenham demonstrado grande identidade com a semiaridez do Nordeste, o movimento identificado da *rede de entusiastas da caprinovinocultura* é relativamente recente em sua atuação em prol de uma exploração técnico-racional focando a potencialidade econômica da atividade.

Nas pesquisas realizadas constatou-se um significativo dinamismo, especialmente em torno da prática da caprinocultura leiteira, como sendo um movimento que se inicia a partir da segunda metade da década de 1990 e, de maneira mais incisiva, como se pôde perceber por diversos depoimentos colhidos em campo, a partir do ano 2000. De forma mais específica, como foi possível perceber também pelas pesquisas realizadas, diferentes ações vêm sendo tomadas desde então visando à construção e o aperfeiçoamento de mercados para o leite caprino.

Numa das experiências estudadas, em Mossoró (RN), a Gerência Executiva de Agricultura e Recursos Hídricos (GEARH), vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico da cidade, tem o papel de coordenadora e executora do Programa Municipal de Apoio a Cadeia Produtiva da Caprinovinocultura (PROCAP), desenvolvido desde 1997. Entre os principais objetivos do Programa que visa, em última instância, promover a maior organização desta cadeia produtiva, destacam-se a capacitação técnica, a promoção e o fortalecimento da organização de pequenos proprietários rurais, visando inseri-los nesse setor para que daí possam desenvolver uma atividade produtiva e obter renda a partir da agropecuária, segundo seus idealizadores.

A metodologia utilizada no Procap se baseia num ciclo de capacitação previsto para durar quatro meses. O Programa vai até as comunidades rurais e inscreve os interessados em participarem. Mesmo a criação de caprinos sendo uma forte tradição no Semiárido, toma-se por princípio “iniciar da estaca zero” o conteúdo trabalhado no curso. Isso vale para todos que dele quiserem participar, tanto para aqueles que já têm alguma experiência quanto para aqueles que nunca possuíram criações.

Com este intuito, o Procap se vale tanto dos profissionais da equipe da GEARH quanto de profissionais de instituições parceiras como o Sebrae e a Ufersa (Universidade Federal Rural do Semiárido – Mossoró). Mas fato é que o estímulo à caprinovinocultura na região é defendida por diversos agentes que formam um universo que extrapola temporal e espacialmente o âmbito do Programa municipal. Estes são



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

profissionais (veterinários, agrônomos, zootecnistas, técnicos agrícolas etc.) de instituições como Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte (EMPARN), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e também criadores mais experientes e bem sucedidos.

Estes profissionais são em geral pessoas que têm suas histórias de vida vinculadas ao campo, já que muitos cresceram na zona rural, tendo suas famílias se dedicado, ao menos parcialmente, também a criação de animais, inclusive caprinos e ovinos. Ainda hoje, boa parte desses profissionais têm suas próprias criações, reafirmando a crença na potencialidade da atividade e nos preceitos técnicos que professam. Em sua prática profissional, diversos argumentos são recorrentemente listados em favor da caprinovinocultura como “a prática mais adequada para o desenvolvimento rural da região do Semiárido”: a perfeita adaptação dos animais ao longo período sem chuvas – em média nove meses num ano “normal”, sem a ocorrência de seca propriamente dita – o relativo baixo custo das criações – inclusive porque práticas de agroecologia demonstram ser possível obter boa parte dos alimentos para os animais a partir das plantas forrageiras disponíveis na Caatinga de forma sustentável – e os produtos comerciais gerados por esses animais são seus principais pilares.

Das origens do entusiasmo à capilaridade da rede

Por que adotar a caprinovinocultura como alternativa para o Semiárido? Por que cabras e ovelhas e não outras criações ou atividades como opção de desenvolvimento rural? O que leva a essa aposta por parte de organizações e atores-chave da *rede de entusiastas*? Como visto até aqui, uma série de argumentos cientificamente embasados de especialistas são utilizados como resposta a essas questões, a começar pelo diagnóstico fundado na própria história da região, em que a pecuária bovina fora privilegiada, mas que não se mostrou capaz de gerar um desenvolvimento sustentável, nem forjar uma sociedade livre de acentuadas pobreza e desigualdades.

Não obstante essa constatação, não é fácil localizar no tempo a emergência da caprinovinocultura como paradigma para o Semiárido. A polêmica envolvendo a



escolha entre a criação de bovinos ou caprinos e ovinos não são novos, nem surgidos nesse contexto brasileiro específico. Dilemas em torno dessa questão são antigas e envoltas em aspectos culturais, como chama a atenção, por exemplo, Jared Diamond, em algumas passagens do livro *Colapso – Como as Sociedades Escolhem o Fracasso ou o Sucesso* (2005), quando aborda as tentativas de colonização da Groenlândia pelos europeus do norte por volta do ano 1300 e de seus equívocos em apostarem na pecuária bovina em detrimento da criação de cabras e ovelhas. No caso brasileiro, Gilberto Freyre, em sua obra *Nordeste – Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil* (1937), já no final da década de 1930 apontara o caráter predatório que a caprinocultura poderia representar para o meio natural da região e ao mesmo tempo as potencialidades de uma maior adesão à prática caso ela fosse feita de modo mais intensivo, numa impressionante similaridade com o diagnóstico feito hoje por especialistas do setor. Como apontado também, no mais das vezes, criar caprinos e ovinos foi uma prática vista como sendo “teimosia de gente pobre” (NOBRE, 2007, p. 1), uma atividade marginal e sem futuro que não mereceria maior atenção, revelando que a cultura importa para conformação do “mundo econômico”.

Quando se consulta a literatura específica ligada ao tema da caprinovinocultura, em boa parte produzida por especialistas ligados a organizações situadas no Nordeste e que realizam pesquisas ou atuam na área do desenvolvimento rural, fica evidente uma visão consensual de que a caprinovinocultura, grosso modo, não tem seguido um desenvolvimento planejado – não obstante se admita também que isso não seja exclusividade deste segmento da agropecuária no país. Ao mesmo tempo em que apontam essa deficiência, não tardam em fornecer diretrizes científica e tecnicamente referenciadas, tidas como os rumos mais adequados a serem seguidos para um aprimoramento da cadeia produtiva da caprinovinocultura.

Muito mais que perceber essa concordância, um aspecto que chama a atenção sobressai quando se depara com a literatura produzida entre a segunda metade da década de 1980 e primeira metade da década de 1990. Além de insistir mais fortemente para o aspecto da ausência de maior organização da atividade, mediante o diagnóstico que faz da situação geral naquele período, essa literatura permite perceber o quão recente é a estruturação de uma caprinocultura leiteira no Nordeste, para além de uma



atividade destinada ao consumo familiar ou do entorno, voltada para mercados mais estruturados.

Em termos de mercados da caprinovinocultura em transformação, o ramo da caprinocultura leiteira se destaca e é sobre este segmento específico da atividade que se deterá daqui para frente neste artigo. Pelos levantamentos realizados, conclui-se que um movimento incipiente no setor inicia-se somente em meados dos anos 1970 na região Sudeste. Um dos poucos dados encontrados sobre as origens desse movimento servem de indicativo: o aumento significativo no número de adesões à Associação dos Criadores de Caprinos e Ovinos de Minas Gerais (CAPRILEITE/ACCOMIG), que passou de 42 para 500, entre o ano de sua fundação, 1974, e 1989, conforme atesta Alzamora² (1989 apud PIMENTA FILHO et. al., 1994).

Paralelamente ao nascimento do setor da caprinocultura leiteira, no contato com essa literatura é possível perceber também as ideias embrionárias que aparecem na época e que em suas diretrizes centrais tornaram-se realidade quando se analisa o atual estágio da caprinocultura leiteira do Nordeste, com sua institucionalização refletida em políticas públicas como o Programa de Aquisição de Alimentos do governo federal, em especial na sua modalidade “PAA Leite” e nas parcerias decorrentes com alguns estados.

Em artigo seminal de 1994, *Caprinocultura leiteira no Brasil – estado da arte e perspectivas*, que sintetiza os aspectos mais importantes da área, dois agentes-chave, Pimenta Filho, professor e pesquisador da Universidade Federal da Paraíba, e Simplício, pesquisador da Embrapa Caprinos de Sobral, já chamavam a atenção para a necessidade da participação de órgãos governamentais, principalmente do ponto de vista social e pelo perfil da maioria dos produtores do Nordeste, através de programas de incentivo à produção e, também, ao consumo de leite caprino. Entre outros aspectos, para aqueles autores, entre as medidas a serem tomadas estaria a “aquisição do produto destinado a programas de alimentação em escolas e/ou creches públicas municipais, estaduais e/ou federais, [que] poderiam representar um impulso positivo para a afirmação da caprinocultura leiteira no País” (PIMENTA FILHO et. al., 1994, p. 58). Passados alguns anos, tais recomendações se materializaram em ações como o PAA Leite (Programas

² ALZAMORA, J. Caprinocultura leiteira: relato de uma experiência e perspectivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE REPRODUÇÃO ANIMAL, 7; 1989, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Colégio Brasileiro de Reprodução Animal, 1989. p.178-181.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Estaduais do Leite, vinculados ao Programa de Aquisição de Alimentos, do governo federal).

Nesse sentido, além das organizações citadas até aqui, o governo federal, por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), vinculado ao Programa Fome Zero, e governos como os dos três estados enfocados, por meio de Programas do Leite, vêm estimulando, em diferentes graus, um capilarizado processo de produção leiteira por parte de pequenos caprinocultores e o acesso ao consumo do produto gerado pela população beneficiária dos alimentos distribuídos pelo Fome Zero. Ainda, associações de criadores estimulam e organizam a produção localmente, processo que conta com a participação, de diferentes formas, de gestões municipais específicas que vêm aderindo ao ideal de aproveitamento dos potenciais de uma caprinovinocultura renovada. Esse quadro permite afirmar que, em diferentes graus, o processo de estímulo aos agricultores familiares para a produção de leite de cabra é induzido.

Isso fica mais evidente quando se analisa outra experiência estudada, que ajuda a ressaltar a importância dos desdobramentos em torno dessa política pública: a produção de leite de cabra em escala no pequeno município de Cabaceiras (PB), que se confunde com a própria história da Associação dos Criadores de Caprinos e Ovinos de Cabaceiras (ASCOMCAB), fundada em 1996.

Compreender a história da Ascomcab remonta a um passado de dificuldades enfrentadas pelo Município, em que várias tentativas de implementar culturas agrícolas comerciais foram barradas por aspectos naturais (especialmente a seca) e por conjunturas de mercado, cujas oscilações faziam com que os pequenos produtores “ganhassem e perdessem tudo de um ano para outro”, conforme depoimento do técnico da Emater, um dos fundadores da Ascomcab.

Esse quadro de instabilidade forçou a busca por uma alternativa viável, com “menos riscos”, como argumenta. Este teria sido o processo lógico a que se teria chegado na caprinocultura leiteira como “a melhor alternativa para a região”.

Com a aposta na produção e venda de leite de cabra, a Ascomcab voltou seus esforços para a busca de recursos para construção de uma usina beneficiadora de leite, passo entendido como fundamental para uma produção em escala, já que é necessário tanques de resfriamento e armazenamento para o produto no processo de escoamento da produção. Tal êxito fora alcançado em 1999, através do Projeto Cooperar – Programa de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Redução da Pobreza Rural da Paraíba, fruto de parceria do Governo do Estado com o Banco Mundial. Paralelamente a esse processo de busca de financiamento, iniciou-se um trabalho com os produtores do município que até então não estavam habituados com uma produção sistemática e em escala.

Diante das dificuldades nesse processo, à época, o técnico da Emater e então também presidente da Ascomcab, juntamente com o tesoureiro, ambos pertencentes ao grupo de fundadores da Associação, decidiram então comprar algumas cabras com aptidão e começarem a produzir leite “para dar o exemplo”, incentivando assim os demais produtores do município a se profissionalizarem. Mas esse processo não foi fácil, como lembram os depoimentos. O técnico da Emater afirma que dizia aos criadores:

“A Usina não é minha! Se vocês não aderirem ela fecha! Eles diziam então: meu compadre falou pra aguardar um pouquinho pra ver... e não aderiam. Hoje fico feliz quando me informam que mais um criador aderiu. Pois hoje está assim, eles estão aderindo sozinhos, espontaneamente! A verdade é que o pessoal é muito difícil de acreditar. Se não tiver sempre alguém ali pra dar uma mensagem de apoio pra não desistirem no primeiro obstáculo, não dá certo”.

O que fundamenta todo esse empenho dos *entusiasstas* do Cariri paraibano é uma visão que credita à caprinovinocultura a “alternativa de vida para o Semiárido”. Essa visão se baseia em uma série de argumentos comparando as vantagens da caprinovinocultura em relação à criação de gado bovino na região. Segundo ele, ainda que as vacas possam produzir até 10 litros de leite por dia, enquanto cada cabra produz de 1 a 2 litros, se bem alimentadas elas produzem até duas crias por ano, enquanto as vacas geram apenas 1 cria a cada 2 anos. Além disso, enquanto cada cabra bebe em média 4 litros de água por dia, uma vaca bebe cerca de 41 litros, característica importante em regiões secas. Enquanto uma vaca custa cerca de R\$ 2 mil, com menos que isso pode se ter muitas cabras, já que um animal sem raça definida pode custar R\$ 50. Por fim, em 2008, enquanto se pagava R\$ 0,70 por litro de leite de vaca, pagava-se R\$ 1,05 por litro de leite de cabra. Em suma, o que procura mostrar através de uma série de números apresentados é que as cabras consomem menos e podem produzir mais do que as vacas no contexto do Semiárido. São, portanto, mais viáveis e economicamente mais rentáveis.



Se esse entusiasmo os coloca como líderes de um movimento de transformações, não menos importante é a capilaridade e a força do exemplo daqueles que aderem a este projeto. Na comunidade rural de Caruatá de Fora, um pequeno criador visitado, apesar da grande disponibilidade de terras, a qual não sabe precisar o tamanho (até porque não há cercas que a limitam já que pertence a seu pai e vários irmãos a ocupam), até um passado recente trabalhava duro de “sol a sol” como “alugado” e tirava algo em torno de R\$ 15,00 por dia, em valores de 2008. Quem narra essa trajetória é sua esposa, que revela, num misto de orgulho e empolgação, que com a adesão à caprinocultura leiteira, por conta de uma produção aproximada de 40 litros de leite, a família tem renda mensal em torno de R\$ 1.000,00.

Além do dinheiro, outro aspecto positivo ressaltado é que essa realidade exige menor esforço de seu marido em comparação à ocupação anterior. “A situação melhorou demais!”, afirma enfática. A história assemelha-se a de diversos outros pequenos proprietários da região visitados. Assim como em outros depoimentos, o pequeno caprinovinocultor conta que começou sua criação com poucos animais – aproximadamente 10 – estimulado pela Ascomcab. Hoje, cerca de 6 anos depois, tem aproximadamente 150 animais. Hoje, ele como centenas de outros agricultores familiares que aderiram a caprinocultura leiteira em virtude do trabalho da *rede de entusiastas*, são também entusiastas e divulgadores, seja de maneira deliberada no âmbito de suas relações sociais, seja enquanto exemplos a serem seguidos por aqueles que ainda não aderiram a este movimento.

Seja nesta atuação enquanto divulgadores, mas sobretudo pelas dinâmicas que se estabelecem em decorrência da produção leiteira que coloca esses pequenos produtores em contato com um universo de criadores vinculados à associações como a Ascomcab, é significativo perceber a ampliação do rol de relações que esta inserção social produtiva propicia, rompendo o isolamento e a redundância de laços restritos muitas vezes ao âmbito familiar e, quando muito de vizinhança, em ambientes rurais tradicionalmente marcados pelo baixo dinamismo e pela instabilidade econômica.

Conclusões

O tratamento ao tema das *redes sociais* neste artigo deriva de pesquisa baseada em metodologia qualitativa, resultando de um trabalho que originalmente não teve por



pretensão tratar desta temática específica das ciências sociais. Em outras palavras, a identificação da *rede de entusiastas da caprinovinocultura* é um achado de pesquisa que fora sendo identificado processualmente conforme se dava o andamento dos trabalhos, até um ponto em que tal constatação se revelou por demais evidente e explicativa para boa parte dos fenômenos observados. Nesse sentido, a *rede de entusiastas da caprinovinocultura* pode ser entendida como uma espécie de “superestrutura” que se revela por traz da articulação de diversos atores sociais, impulsionadora de transformações significativas observadas num ambiente tradicionalmente marcado pela pobreza e pela redundância dos laços sociais.

Por meio das pesquisas realizadas foi identificada uma gama de atores que mantém relações que incluem laços de diferentes intensidades e de maneira não uniforme num sistema formado por vínculos diretos e indiretos entre eles, abarcando, *grosso modo*, três redes, cada qual situada em um dos estados pesquisados (RN, CE e PB).

Caracterizadas pelas relações interpessoais, com as organizações coexistindo nesses entrelaçamentos, essas redes seriam interconectadas por atores que se comunicam diretamente e, quando não o fazem, ao menos se reconhecem mutuamente enquanto referências para o setor, sobretudo no caso de especialistas de renome. De forma direta ou indireta há um intercâmbio de informações, com os atores comungando de um entendimento que toma a caprinovinocultura como “a” alternativa de vida para o Semiárido por excelência. Essas redes têm como seus principais nós agentes-chave que ocupam posições estratégicas em organizações que atuam no campo da extensão rural, interconectadas por meio de características próximas àquilo que Granovetter (1973) identificou como “força de laços fracos”.

Desse modo, ainda que as experiências tenham bases de produção geograficamente separadas e grupos de atores específicos em cada um dos três estados, elas se unem por meio desses nós num movimento regional que vêm ganhando força e importância na medida crescente que conquista novas adesões à caprinovinocultura. Além disso, vêm ganhando também legitimidade pelos resultados que apresenta e por aqueles que propicia vislumbrar num futuro não muito distante, sobretudo no tocante à realidade da agricultura familiar em boa parte do Semiárido.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Sob a dispersão geográfica das experiências no ambiente analisado, que se desenvolvem nas porções semiáridas dos estados do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, circulam ideias e conhecimentos muito similares e dialogantes, compartilhados por um significativo rol de atores de diferentes estratos sociais, unidos a partir de uma identidade comum em torno do objetivo de renovação da caprinovinocultura no Semiárido. Além das conexões concretas entre agentes locais, portanto, fluxos imateriais, representados por ideias, conhecimentos e mentalidades, são conteúdos ordenadores de condutas que circulam pelo território focado, transformando práticas sociais.

Assim, muito mais que relações estabelecidas a partir de vínculos estáticos, espacial e temporalmente, ainda que em certa medida também o sejam, observa-se um movimento que flui por entre sujeitos espacialmente dispersos, com constantes novas adesões. Diante dessas constatações, nas quais se valoriza o poder agregador das ideias e conhecimentos, poderia-se argumentar que o observado se enquadraria em “tipos clássicos” já identificados pela literatura como as *redes de políticas públicas* ou as *comunidades epistêmicas* (MASSARDIER, 2006). Mas o que chama a atenção no caso em foco é a incorporação de significativa diversidade de atores sociais que fogem as categorias *especialistas* e *acadêmicos* como atores relevantes e determinantes para o sucesso do projeto em foco. Como anteriormente apontado, outros agentes, como agricultores familiares, lideranças e membros de pequenas associações de criadores movimentam um capilarizado processo de produção e convencimento para adesão à prática, sobretudo através do exemplo, rompendo com o isolamento e inserindo a si e a outros agentes num movimento de produção em escala de leite caprino.

Esta capacidade diferencial do movimento analisado, fundado em ideias e conhecimentos que fluem dinamicamente com e entre os atores, permite uma visão sobre as *redes sociais* como possibilidade para superação de entraves ocasionados pela dispersão de segmentos pobres da população, muitas vezes dificilmente alcançados e identificados, transpondo assim um dos obstáculos das políticas públicas para o alcance desejado de potenciais beneficiários não agrupados.

Referências bibliográficas



ANDRADE, Manuel C. de. *A terra e o homem do Nordeste*. 6 ed. Recife: Editora UFPE, 1998. 427p.

DIAMOND, Jared. *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*. São Paulo: RCB, 2005. 685 p.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 7 ed. São Paulo: Global, 2004. 255 p.

GOMES, Gustavo M. *Velhas secas em novos sertões: continuidade e mudanças na economia do Semi-árido e dos Cerrados nordestinos*. Brasília: IPEA, 2001. 326 p.

GONÇALVES, Oswaldo Jr. *Da tradição ao mercado: construção social e caprinovinocultura no Semi-árido*. 2010. 336 f. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2010.

GONÇALVES, Oswaldo Jr. "Práticas de mercado" e reestruturação de laços sociais: uma combinação possível?. *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, v. 15, p. 161-179, 2010.

GRANOVETTER, Mark. The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*, Chicago, v.78, n.6, p.1360-1380, may 1973.

MARQUES, Eduardo et al. Redes pessoais e pobreza em São Paulo. Disponível em: <http://www.cebrap.org.br/v1/upload/biblioteca_virtual/MARQUES%20et%20al_Redets%20Pessoais%20e%20Pobreza.pdf>. Acesso em: 19 de mar 2011.

MARTES, Ana C. B. (Org.). *Redes e sociologia econômica*. São Carlos: EdUFSCar, 2009. 336 p.

MASSARDIER, Gilles. Redes de política pública. In SARAVIA, Enrique; FERRAREZI, Elisabete (Orgs.). *Políticas públicas*. Coletânea. Brasília: ENAP, 2006. 2 v.

NOBRE, Fernando V. A caprinovinocultura no Rio Grande do Norte. Aspectos mercadológicos na Grande Natal. 2007. *mimeografado*.

PIMENTA FILHO, Edgard C.; SIMPLICIO, Aurino A. Caprinocultura leiteira no Brasil: estado da arte e perspectivas. In: SEMANA DA CAPRINOCULTURA E DA OVINOCULTURA TROPICAL BRASILEIRA, vol.1, Sobral, 1994. *Anais....* Sobral: EMBRAPA-CNPC, 1994. p.47-76.